

**Alargando o território: sociabilidade,
visibilidade e homossexualidade em
perspectivas espaço-temporais na
cidade de São Paulo**

Expanding the territory: sociability,
visibility and homosexuality from a
spatiotemporal perspective in the
city of São Paulo

Gustavo Santa Roza Saggese

Pós-doutorando em Saúde Coletiva - FCMSCSP

Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Marcadores
Sociais da Diferença da USP e do Grupo Saúde, Sexualidade e
Direitos Humanos da População LGBT da FCMSCSP

grsaggese@gmail.com

Resumo: Baseado em uma série de entrevistas conduzidas entre 2011 e 2013 com homens homossexuais de meia-idade residentes na cidade de São Paulo, este artigo busca entender a maneira como percebem determinadas transformações sociais ao longo das últimas décadas, especialmente no que diz respeito ao espaço público e aos locais de sociabilidade por eles frequentados. Para isso, faço uso tanto do material etnográfico coletado durante o trabalho de campo quanto de referenciais teóricos que localizam espacial e temporalmente essas transformações, além de captar determinadas tendências em relação à percepção subjetiva daqueles que viveram um período em que a visibilidade da questão LGBT era muito mais tímida do que nos dos tempos atuais. Nos discursos aqui analisados, que acompanham a trajetória de mudanças ocorridas na capital paulista desde a década de 1970, é possível perceber duas inclinações predominantes: enquanto alguns interlocutores se mostram satisfeitos com o presente e encaram positivamente o cenário de visibilidade que veem hoje na cidade, outros parecem deslocados, direcionando suas críticas a eventos de grande porte como a Parada do Orgulho LGBT e ao comportamento dos jovens gays, que fariam mau uso das liberdades conquistadas pelas gerações que os antecederam.

Palavras-chave: homossexualidade, visibilidade, sociabilidade, geração.

Abstract: Based on a series of interviews conducted between 2011 and 2013 with homosexual middle-aged men from the city of São Paulo, this article aims to understand how they perceive certain social changes over the past decades, with special regard to the public sphere and the places of sociability they used to attend. For this purpose, I use both ethnographic material collected during fieldwork as theoretical frameworks that place these changes in a spatial and temporal location, besides capturing certain trends regarding the subjective perception of those who lived through a period in which the visibility of LGBT issues were much more timid than nowadays. In the speeches I analyze, which follow the trajectory of changes in the city since the 1970s, two predominant inclinations are seen: whilst some are satisfied with the present and positively face the visibility scenario they watch today, others appear to be displaced, directing criticism towards large events such as the LGBT Pride Parade and the behavior of young gay men, who would misuse the freedoms conquered by the generations that preceded them.

Keywords: homosexuality, visibility, sociability, generation.

Introdução

Em um dos principais trabalhos já produzidos sobre a história da homossexualidade no Brasil, o pesquisador James Green traça um desenho bastante rico do período que vai desde o final do século XIX até o final do século XX, quando o país sediava, no Rio de Janeiro, a 17ª edição da Conferência Anual da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA)¹, uma das mais importantes organizações do mundo no combate à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. Celebrando-a como um fato que colocava o país em um patamar de importância próximo a de outras nações do mundo ocidental, rememora a previsão feita por um dos editores do jornal *O Snob*², que em 1964 antecipava a realização, em território nacional, de um *Festival de Entendidos* para o qual convergiriam representantes de diversos países (Green, 2000). Os prognósticos que trinta anos antes eram classificados pelo próprio colunista como uma *utopia* haviam se mostrado, nas palavras do autor, *incrivelmente premonitórios* (Green, 2000: 459).

Se uma certa tradição de estudos sobre a sexualidade – e a homossexualidade em particular – tende a caracterizar o Brasil, como Carrara & Simões (2007) assinalam, de maneira algo *exótica* e distante dos padrões que moldaram, na América do Norte e na Europa, a construção de uma identidade sexual *moderna*, uma investigação mais profunda parece apontar no sentido contrário: assim como em países tidos tradicionalmente como berços da sexologia e dos primeiros movimentos de defesa das minorias sexuais, o Brasil também fez parte do processo de modernização que propiciou a emergência de identidades gays e lésbicas comuns a várias regiões do mundo. Embora dotado de algumas idiosincrasias, o cenário brasileiro – especialmente o das grandes metrópoles – não parece diferir de modo tão abismal daquele observado em outros contextos. Já na virada do século XIX para o XX, uma *subcultura* homossexual³ similar à que florescia em Nova York e Buenos Aires, por exemplo, podia ser observada em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (Green, 2000). No presente artigo, é para essa última que voltarei minha atenção.

Ao longo do século XX – e mais especialmente nas últimas três décadas –, o país foi palco de transformações significativas para a chamada *população LGBT*⁴ e poucos segmentos sentiram tanto o impacto dessas mudanças quanto o dos espaços de sociabilidade⁵ frequentados pelo público homossexual. No que se refere à cena gay⁶

paulistana, restrita durante muito tempo a um número limitado de estabelecimentos localizados em regiões específicas da cidade, há uma forte expansão a partir de meados da década de 1990, momento em que o *mercado GLS*⁷ brasileiro começa a se consolidar (França, 2010).

Outra expressão desse processo transformativo diz respeito à maneira como o espaço público foi sendo ocupado. Escrevendo no início da década de 1980, MacRae já chamava a atenção para a *explosão de comportamento homossexual* nas áreas centrais e pontos boêmios de São Paulo, onde era possível “ver pessoas do mesmo sexo, geralmente homens, andando abraçados, às vezes de mãos dadas, às vezes se beijando como forma de saudação, beijos esses não raro dados na boca” (MacRae, 1983: 53). De lá para cá, observa-se um alargamento significativo das *regiões morais*⁸ onde manifestações de afeto entre casais homossexuais são comuns e geralmente não causam grande comoção.

Com o advento da Parada do Orgulho LGBT em 1997⁹, a onda de visibilidade que já vinha ganhando força naquele período (França, 2006) aumenta de maneira exponencial. Um dos efeitos desse crescimento é percebido no tamanho do público do próprio evento, que vai de alguns milhares em sua edição de estreia a mais de um milhão poucos anos depois (Simões & Facchini, 2009). Em 2001, já na quinta edição, dois eventos ajudam a divulgá-la ainda mais: o *Gay Day*, realizado em um parque de diversões, e a Feira Cultural do Arouche, contando com a participação de comerciantes, entidades ativistas e artistas (Simões & Facchini, 2009). Na esteira dessa visibilidade crescente, é sancionada, no mesmo ano, a lei estadual 10948/01, que prevê punição para a prática discriminatória em razão de orientação sexual¹⁰.

O início dos anos 2000 vê também a expansão da internet e de seus blogs, redes sociais e sites de compartilhamento de vídeos, que contribuíram de modo substancial para a publicização de expressões não-normativas da sexualidade. Como aponta Silva (2008) em sua pesquisa com comunidades virtuais direcionadas a homens gays, aqueles que se encontravam distantes dos grandes centros estão entre os que mais desfrutaram dessa possibilidade inédita de vazão. Mesmo no caso de quem já residia em uma metrópole como São Paulo, contudo, o efeito visibilizador dessas novas ferramentas tecnológicas parece ser considerável.

Embora tais mudanças não representem uma ruptura radical na estigmatização a

que certas manifestações da sexualidade estão sujeitas, vivenciá-las de maneira mais aberta torna-se possível para muitos: de um passado de ocultamento e discriminação generalizada, passa-se a uma sociedade objetiva e simbolicamente mais democrática, o que permite uma expressão ampla e relativamente despreocupada da homossexualidade. Mas até que ponto isso é encarado de maneira positiva entre aqueles que experimentaram essas transformações?

Como sugere Meccia (2011) em sua pesquisa com homens homossexuais na grande Buenos Aires, os efeitos de determinadas mudanças sociais em uma *coorte* geracional que vivenciou um período de visibilidade muito mais tímida são múltiplos, manifestando-se de maneira bastante diversa em suas relações. Se por um lado existiria, entre aqueles que ultrapassaram os 40 anos na passagem da primeira para a segunda década do século XXI, uma espécie de trauma coletivo que dificultaria sua inserção em algumas esferas sociais, tal trauma não implicaria, necessariamente, uma rejeição absoluta do *modus operandi* da homossexualidade na esfera contemporânea. Teríamos, em lugar disso, uma infinidade de *reconfigurações subjetivas* que determinariam diferentes graus de aderência aos processos de transformação a que essas pessoas foram expostas.

Tendo acompanhado, como os interlocutores de Meccia, mudanças que impactaram diretamente sua maneira de viver a própria homossexualidade, os homens com quem tive contato durante a realização de minha pesquisa de doutorado¹¹ também elaboram criticamente acerca delas, articulando suas experiências pessoais a percepções subjetivas. No presente artigo, que divido em duas partes, me debruço sobre os elementos expostos nessa breve introdução e busco empreender uma análise sobre como se implicam e percebem a emergência de uma *nova geração*¹² frente a esse contexto cambiante. Fazendo uso de sua proposta sociológica, estabeleço um diálogo com Meccia, além de colocar em pauta outras perspectivas teóricas e etnográficas.

Circulando pela cidade: apontamentos sobre a cena gay paulistana

No filme *São Paulo em Hi-Fi*¹³, lançado em 2013, há uma cena em que a *drag queen* Kaká Di Polly diz em sua entrevista: “Aconteciam coisas nessa boate que são inimagináveis. A gente contando, as pessoas, vocês que são gays hoje, não acreditam, acham que a gente é mentirosa”. Ela referia-se ao *Medieval*, lugar icônico da noite gay paulistana da década de 1970 mostrado em destaque no longa.

Além de um claro componente intergeracional que me fez recordar muitos momentos de minha pesquisa, a fala de Di Polly me remeteu, ao menos em parte, à experiência dos interlocutores que tiveram a oportunidade de circular pelos lugares da moda durante esse período. O próprio *Medieval* aparece com alguma recorrência nas falas – assim como no filme, suas festas luxuosas que angariavam a presença de famosos e o espetáculo paralelo que se observava na entrada são rememorados.

Mais do que o *Medieval*, no entanto, o espaço da época evocado com maior frequência é o *Homo Sapiens*, boate que viria a se tornar o *ABC Bailão* – ainda em funcionamento atualmente – na década seguinte ao encerramento de suas atividades. Ponto de convergência dos homossexuais paulistanos de classe média, o *HS*, como era comumente chamado, aparece nas entrevistas como um local que exalava *glamour*. Ainda que estivesse, como comenta Antonio, um pouco abaixo do *Medieval* em termos de sofisticação, era o mais parecido que havia em São Paulo com as boates da Nova York de então. Comparando-o ao *Studio 54*¹⁴, ele relembra:

A Homo Sapiens era aquilo, guardadas as proporções. Até porque aquilo [o Studio 54] não era exatamente gay, mas aquela coisa, assim, mágica, aquele ar mágico, aquela gentalhada na porta pra entrar [...] Era muito mágico ir à Homo Sapiens nas noites de sábado. Era um evento. A Medieval era a mesma coisa, só que era... eu achava até um degrau acima da Homo Sapiens. (Antonio, 50 anos, maio de 2011).

A *mágica* da qual Antonio fala está presente em outros discursos e aparece muitas vezes associada a um sentimento de pertença que surgia com a frequência a esses lugares. Embora os interlocutores que testemunharam a cena gay de São Paulo entre meados da década de 1970 e o início da de 1980 já tivessem, na época, redes de amizade relativamente consolidadas, a possibilidade de estar entre *iguais* nesses espaços parecia fornecer a eles uma segurança subjetiva inigualável. Mencionando sua primeira incursão ao *Gay Club*, boate de curta duração contemporânea ao *Homo Sapiens*, Thomaz rememora essa sensação. Vale atentar, no trecho selecionado, para o destaque que dá a uma *noite histórica* com a presença de Cláudia Wonder¹⁵, artista que desafiava os padrões do transformismo ao cantar músicas com a própria voz. A despeito de não deixar isso explícito, Thomaz dá a entender que havia ali um enfrentamento importante do estigma da feminilidade associado à homossexualidade masculina representado por uma personagem que não se preocupava em ocultar uma voz *de homem* através da mímica, o

que talvez potencializasse seu sentimento de *gay pride*:

[N]a primeira vez [em] que eu [es]tive no *Gay Club*, por exemplo, eu fiquei... foi um encantamento, assim, foi uma euforia. Acho que fui no *Gay Club* antes de ir no *Homo Sapiens*, ou qualquer coisa assim. Inclusive nessa noite [em] que eu fui, foi uma noite histórica, porque vi o show da Claudia Wonder, imagina! E fiquei impressionado, porque ela cantava com a própria voz, ela não dublava. Então eu falei: “Nossa, travesti cantando com a própria voz, é incrível!”. E teve uma hora [em] que eu fiquei muito eufórico, falei assim: “Porra, mas todo mundo igual a mim, isso é incrível, posso estar num lugar onde tô seguro, tô bem”. Isso foi uma das primeiras... talvez uma das primeiras sensações de *gay pride*, assim, de me sentir orgulhoso de ser gay, de... não sei se orgulhoso de ser gay, mas de não ter vergonha de ser gay, de estar ali, estar me sentindo seguro, de estar bem. (Thomaz, 57 anos, dezembro de 2011).

Foco privilegiado dos interlocutores mais velhos, o centro de São Paulo, onde se localizava grande parte desses lugares, era peça fundamental desse encanto. Como aponta Antonio, que com frequência percorria o trajeto Praça da República-Largo do Arouche-Rua Marquês de Itu (onde ficava o *HS*), havia ali um *frisson* incomparável a outras regiões da cidade. Em um texto originalmente publicado em finais da década de 1970, Whitam (1995) traça um panorama interessante sobre o que se via no local durante esse período, comparando-a a tradicionais redutos gays em São Francisco e Nova York:

Weekdays and nights are fairly quiet, but on weekends, thousands of gay people fill the downtown plazas and avenues – Largo do Arouche, Praça da República, Vieira de Carvalho, Avenida Ipiranga, or Praça Roosevelt. The Largo do Arouche, a pleasant plaza filled with flower stalls and sidewalk cafés, safely rivals on a Saturday night such famous promenades as Castro and Christopher Streets. Along all the streets extending out from the radius of Largo do Arouche, thousands of gay men – gay women are much less visible – stroll and cruise or stop to have a beer or eat Esfiha in one of the Arab restaurants that seem to be found at every turn. On weekends virtually every restaurant and café in this section of the city is transformed into a gay restaurant. Knots of three or four gay people crowd these streets, spilling over the curb, sometimes impeding traffic¹⁶ (Whitam, 1995: 231).

Como mostra Perlongher, que pesquisou na região em uma época bastante próxima a Whitam, a afluência do centro como reduto gay teve seu auge em 1979, período em que o *desbunde* que acompanhou a abertura democrática surge com força. No ano seguinte, contudo, a *Operação Limpeza* liderada pelo delegado José Wilson Richetti provocou uma reorganização do território, expulsando homossexuais, prostitutas e travestis (MacRae, 1990; Perlongher, 2008). Como havia alguma complacência para com os gays de classe média – população que Richetti considerava, apesar de suas práticas

sexuais pouco ortodoxas, “recatada, cordata e avergonhada” (Perlongher, 2008: 111) –, lugares como o *HS* foram poupados e um pequeno *gueto gay* – como chamavam seus próprios frequentadores – se estabeleceu no trecho da Marquês de Itu entre a Bento Freitas e a Rego Freitas, “sem travestis, michês estridentes nem 'bichas' pobres e 'pintosas'” (Perlongher, 2008: 113).

Se a *Operação Limpeza* dizia ter como principal objetivo reduzir a criminalidade do local, um efeito inverso pôde ser observado com a destruição do que Perlongher chama de “formas grupais de solidariedade territorial” (Perlongher, 2008: 114), favorecendo um incremento significativo da violência em seus arredores. Um aspecto que chama a atenção nas conversas com os interlocutores que frequentavam a região nesse período diz respeito justamente ao que alguns apontam sobre esse processo de *deterioração*, atribuído principalmente a um abandono por parte do poder público. Mesmo que muitos citem esse pedaço da cidade como um espaço que ainda frequentam de maneira esporádica, é possível notar certa nostalgia em relação a uma São Paulo que parece ter ficado para trás. Antonio, um dos mais críticos nesse sentido, expressa todo o seu saudosismo sobre um tempo em que a cidade era consideravelmente menor, estendendo sua queixa para além dos problemas observados hoje na região central. Digna de nota é a visão geracional de que sua juventude teve a sorte de conhecer uma cidade que desapareceu, ainda que não completamente desprovida de autocrítica:

A: [A Vieira de Carvalho] era um lugar gostoso. A Praça da República também. Não existia a Cracolândia, o centro de São Paulo era muito habitável, era bonito, os cinemas de São Paulo eram todos frequentáveis. Que idade você tem?

G: 28.

A: 28. Você não faz ideia, por mais que eu te conte, como era diferente o centro de São Paulo do que é hoje. Essa coisa triste que é hoje, aqueles meninos cheirando [sic] crack, imagina que... a gente não podia sonhar naquela época que aquilo ia virar o que virou hoje. Aquela coisa totalmente degenerada, aquela coisa horrível que virou. Era impensável. Você vê o que faz a ausência de Estado e a falta de planejamento. A gente namorava, você podia conversar com alguém na Praça da República; hoje você com certeza é assaltado. Antes não era assim. Talvez a cidade não fosse tão grande, o índice de violência era com certeza menor. A cidade era bem menos agressiva do que é hoje... com certeza, a cidade não era essa selvageria que é hoje. Toda geração, toda a época, ao longo da história, se diz assim: “A minha época é a melhor”. Então quando eu digo isso, eu posso estar incorrendo no mesmo pecado. Mas eu digo isso para jovens da sua idade, ou até mais novos: eu conheci uma cidade que vocês não conheceram, nem conhecerão jamais, porque a cidade que eu conheci não existe mais. (Antonio, 50 anos, maio de 2011).

A fala de Antonio é representativa de uma percepção respaldada por uma grande transformação que começa a tomar forma ainda na década de 1980, intensificando-se substancialmente em meados da década seguinte. Como apontado anteriormente, é nesse período que se inicia uma multiplicação dos lugares destinados ao público homossexual, impulsionada pelo reflorescimento do movimento LGBT no Brasil e do reaquecimento do *mercado GLS* (França, 2010). Acompanhando esse processo, uma segmentação importante começa a se delinear: em um passado não muito distante chamada de “boca do luxo” (Perlongher, 2008), a região mais próxima ao centro, que já assistia à debandada de uma parcela de seus frequentadores, passa a ser ocupada por pessoas pouco estimadas em termos de estética, consumo e estilo de vida. Em paralelo, a região dos Jardins é gradativamente valorizada, ainda que mais tarde essa configuração fosse novamente modificada (França, 2010).

Entre os interlocutores cujo contato com a cena gay da cidade só se iniciaria entre a segunda metade da década de 1980 e o início da de 1990, um deslocamento espacial que faz eco a essas constatações pode ser observado: em lugar dos bares e boates localizados na região da Rua Vieira de Carvalho, Praça da República e Largo do Arouche, suas referências se concentram em regiões tidas hoje como nobres, especialmente o início dos Jardins. Isso não significa, porém, que referências cruzadas inexistam: assim como há interlocutores mais novos que frequentam ou frequentaram a região do centro, alguns dos que testemunharam seu tempo áureo acompanharam a proliferação dos espaços de sociabilidade em outras partes da cidade. Citando a boate *Malícia*, Thomaz menciona a dicotomia que se criaria entre “bicha dos Jardins” e “bicha do centro”:

Tinha uma outra boate, na rua da Consolação, isso também já na década de 80, não sei quando – que aí a memória começa a embaralhar mesmo –, tipo 86, por aí, deve ter sido, que [se] chamava *Malícia*. Você já ouviu falar dessa boate? Era uma boate que ficava na Rua da Consolação, descendo pros Jardins. E era, assim, dessa coisa dos Jardins, era... era quando começou, na verdade, porque... não tinha essa coisa de separação entre bicha dos Jardins e bicha do centro da cidade, por exemplo, né? Não tinha essa história. (Thomaz, 57 anos, dezembro de 2011).

Os arredores da Rua da Consolação, principalmente em seu trecho ao sul da Avenida Paulista, é um dos lugares mais frequentemente mencionados pelos interlocutores como *point* da efervescência gay de São Paulo durante toda a década de

1990. Embora já abrigasse, desde 1971, a famosa *Nostro Mondo*, somente bem mais tarde viria a congregar um grande número de estabelecimentos direcionados ao público gay. Via de regra, era para lá que convergiam os *modernos*, sintonizados com as últimas tendências associadas à homossexualidade (Simões & França, 2005).

Localizados na própria Consolação, os bares *Paparazzi* e *Burger & Beer* são citados com bastante frequência. Esse segundo, embora do lado oposto à sofisticação dos Jardins, ficava próximo à divisa com a parte mais valorizada da rua e foi palco de experiências importantes na vida de vários interlocutores. Também na região, a boate *Massivo* aparece em algumas falas – sobre ela, é interessante assinalar que o local parece marcar, como afirma um *promoter* entrevistado por Palomino (1999), o início de um período em que muitas casas noturnas deixam de se considerar exclusivamente *gays*, ainda que seu público majoritário pudesse ser assim classificado. Corroborando essa ideia, Guilherme diz:

O *Massivo* era um lugar que era aqui nos Jardins, na Alameda Itu [...], foi o auge das... da época das *drag queens* [...], que na época era uma coisa que atraía muito, que era aquele show de *drag queen*, aquele monte de *drag queen* na rua. Então era... tinha mais entrada na mídia, também. Então era muito comum você ver, por exemplo, casal de hetero na porta, as meninas querendo entrar loucamente, querendo conhecer, e os caras assim, meio arredios (risos). Mas acabavam entrando porque as meninas forçavam a entrar. Então, você vê, tinha uma frequência hetero também, apesar de ser conhecido como um lugar gay. (Guilherme, 53 anos, junho de 2013).

Além dos lugares situados nos Jardins, os interlocutores que estiveram a par da noite gay nesse período fazem menção a outras partes da cidade, como os bairros de Moema, Vila Nova Conceição e Santa Cecília – esse último bastante próximo ao antigo agito do Arouche. No primeiro, ficava a boate *Gent's* que, de modo semelhante ao que os mais velhos falam sobre a *Medieval*, era um lugar bastante caro, frequentável apenas em ocasiões especiais. No segundo, ficava o *Feitiço*, uma casa com música ao vivo descrita como um local mais reservado, bem distante da agitação observada na maior parte dos outros ambientes. No terceiro, finalmente, estava localizado o *Sra. Krawitz*, cuja inauguração é lembrada por Palomino (1999) como um dos acontecimentos mais aguardados do ano de 1992. Como o *Massivo*, o *Krawitz* tinha uma postura mais democrática em relação à orientação sexual de seu público-alvo, abrigando, nas palavras de Guilherme, “uma mistura de tudo”. Segundo outro interlocutor, no entanto, havia uma característica que o diferenciava dos demais espaços: a presença de uma mescla significativa de classes sociais, como se pode notar em sua fala sobre os *clubbers* provenientes da periferia:

Tinha o *Sra. Krawitz*, que devem ter falado pra você, que ficava na Rua Fortunato, em Santa Cecília. E lá foi o auge da onda *clubber* na década de 90. Todos os moderninhos *clubbers* iam pra lá e tinha muita gente de periferia. Muita. Que era *clubber*. Muita mesmo. E assim, não tô falando isso no sentido de preconceito, mas você percebia¹⁷. Eu cheguei a conviver com algumas dessas pessoas, porque foi o começo da minha vida gay noturna, então não conhecia ninguém. Então, tentei fazer amizade com algumas pessoas lá. (Felipe, 39 anos, novembro de 2012).

Se o encontro de classes era mais raro – e, no caso do *Krawitz*, talvez se explicasse pela adesão maciça à onda *clubber* de então –, uma maior *democratização sexual* desses lugares começa a se tornar bastante comum ao longo da década de 1990. Conforme aponta Meccia (2011), a partir desse período a experiência da homossexualidade estaria marcada pelo que chama de *desdiferenciação*, o que resultaria, no que concerne aos espaços de sociabilidade, em duas características proeminentes: além da profusão e dispersão espacial, haveria um aumento da quantidade de estabelecimentos *friendly*, onde todos – gays e não-gays – seriam bem-vindos. Mesmo que o *Massivo* e o *Krawitz* não seguissem exatamente essa proposta, aproximando-se mais do conceito à brasileira *GLS* (já que, ao contrário dos lugares *friendly*, eram espaços predominantemente gays *também* frequentados por heterossexuais), estão provavelmente entre as primeiras boates de São Paulo onde uma interação harmoniosa entre pessoas de distintas orientações sexuais era possível. Obviamente, essa convivência já existia, mas em contextos que não permitiam a livre expressão de afeto entre pessoas do mesmo sexo.

A emergência de ambientes mais *descolados* não significa o desaparecimento de lugares voltados para a prática de sexo, como as saunas, *cinemões* e os mais modernos *cruising bars*¹⁸. Com o avanço dos anos, contudo, um sem-número de iniciativas similares às do começo da década de 1990 vão surgindo na cidade. Presente em várias entrevistas, um desses exemplos é *A Lôca*, boate sucessora do *Krawitz* que até hoje sobrevive como uma das casas noturnas mais conhecidas da capital paulista. Para Wilson, que confere a esse espaço lugar de destaque, a noite de São Paulo teria adquirido um caráter “libertário”, estando inserida em uma cena urbana que permitiria outras formas de experimentação, como as drogas:

[*A Lôca*] é um espaço aberto, é um espaço em que você... você gay, você lésbica, você casal, você sem saber o que é, você isso ou aquilo, você está num lugar, compartilhando um lugar com amigos, com pessoas, e vivendo nesse lugar sem que ninguém esteja querendo rotular ou compartimentar você, e aceitando – pelo menos em termos de comportamento explícito – aquilo que você é [...] Os melhores ambientes hoje, pra mim, são esses [não-

exclusivos], do que os estritamente gays [...], e isso tem mudado na noite de São Paulo, tem acontecido, tem lugares mais desse jeito. As pessoas mais novas, principalmente, elas têm se relacionado mais dessa maneira, têm saído em grupos [...] Claro, a gente sabe que existe gente de direita, que existe *skinhead*, que existe gente agressiva em relação a gays, mas eu acho... em contrapartida a isso, existe uma vida noturna, pelo menos em São Paulo, bastante aberta, e bastante... eu diria até libertária mesmo; não é liberal não, é libertária. E a coisa não se restringe só à sexualidade, a coisa vai além disso. Que é a questão das drogas também, né? Então, existe uma certa cultura urbana aí que ela é meio geral, meio de grande cidade e tal, e São Paulo evidentemente tá dentro disso. (Wilson, 57 anos, novembro de 2012).

Ainda que Wilson aponte essa sociabilidade mista como uma tendência observável principalmente entre os mais jovens, é notável, entre os interlocutores da pesquisa, uma preferência gradativa por ambientes menos *quetificados*, o que parece se justificar, ao menos em parte, pelo processo de abertura a que Meccia (2011) se refere, oferecendo àqueles que antes precisavam *se esconder* uma maior possibilidade de interação em espaços mistos. Mesmo para os que deram início à sua sociabilidade noturna em uma São Paulo que já permitia esse contato – como é o caso de Felipe –, uma mudança importante é observada, tendo em vista a grande ampliação desse cenário em um curto espaço de tempo. Em associação com uma menor necessidade de ocultamento, outro fator que entra em jogo para explicar essa predileção diz respeito a uma questão etário-geracional que se desdobra, por sua vez, em diversas outras.

Em primeiro lugar, há no discurso de alguns um marcador de idade cronológica que os levaria a procurar ambientes mais tranquilos, algo difícil de encontrar no que normalmente é oferecido como lazer exclusivamente homossexual. Nesse sentido, é comum que cite como lugares de sociabilidade atual padarias, restaurantes e cafés reconhecidamente inclusivos, a exemplo do *Urbe* e do *Athenas*, ambos próximos à Avenida Paulista. Além de serem espaços onde é possível interagir com amigos e namorados de maneira mais livre, sua frequência é marcadamente mais madura, o que lhes conferiria, segundo os que lá vão, uma atmosfera mais apropriada a quem já ultrapassou ou está próximo dos 40 anos de idade. Em algumas falas, como na de Alcides, nota-se que o fator etário ganha importância sobre a orientação sexual, dando a entender que a homossexualidade exerce pouco ou nenhum peso sobre a escolha que fazem por ambientes mais sossegados:

Hoje, um restaurante que eu vou bastante, restaurante/bar, é o *Athenas*. Que o público é gay, na maior parte; você fica muito à vontade, casal hetero que vai lá sabe. Hoje se convive muito mais à vontade, né? Então, hoje o que eu

mais faço? Eu vou a café, *Urbe* é um deles..., mas aí pode ser a *Ofner*, pode ser a *Brunella*... lugares de café. *Urbe* é o mais ambiente gay que a gente conhece. E é gostoso, é o que eu mais vou. Mas eu vou bastante a café, antes ou depois do cinema, eu vou bastante a restaurantes, antes ou depois do cinema. E vou bastante ao cinema. São as três coisas que eu mais faço. Exposição, de vez em quando. Mas exposição não é um treco em que eu já tenha paquerado alguém. Nunca aconteceu. Mas vou com frequência. A última exposição que eu fui ver foi a da Tomie Ohtake agora na semana passada. Mas é um lugar mais tranquilo; eu acho que isso tem mais a ver com a minha idade, né, com os 40 e poucos, hoje, do que [a questão] com o mundo gay, com a comunidade gay. (Alcides, 43 anos, outubro de 2012).

Apesar dessa aparente tranquilidade com que o próprio envelhecimento é tratado – e aqui estendo a fala de Alcides à maioria dos discursos que encontrei em campo, justificando a frequência cada vez menor ao *fervo* como uma consequência natural e compartilhada da maturidade –, a idade cronológica não deixa de aparecer como algo que se materializa nos corpos, fazendo com que alguns se sintam pouco valorizados sexualmente na maior parte dos lugares gays de hoje. Embora essa seja, de acordo com os próprios interlocutores, uma dificuldade contornável com os encontros promovidos pelas novas tecnologias de comunicação – um deles chega inclusive a se dizer impressionado com a quantidade de jovens que procuram *coroas* em salas de bate-papo –, percebe-se, em certas falas, um ressentimento atribuído à diminuição da atratividade corporal que o envelhecimento inevitavelmente imporia. Como no caso dos marcadores simbólicos que delimitam o público de determinados espaços, os efeitos negativos dos sinais físicos da idade não afetam somente homens gays, embora talvez se manifestem de maneira peculiar nesse grupo (Henning, 2014). A esse respeito, Thomaz comenta:

Hoje em dia [...], eu vou nos lugares gays e eu me sinto completamente um peixe fora d'água, eu sinto que não atraio, é como se eu não atraísse ninguém, eu realmente, assim... parece que não vai acontecer nada, e realmente nunca acontece nada. Assim, qualquer coisa, tipo boate, sauna, qualquer coisa. No cinemão de pegação, qualquer coisa que tenha, que seja gay, que seja assim... não rola nada, e quando rola... é, em geral a impressão que eu tenho hoje em dia é que não rola nada, então eu não vou, não tenho ido; eu falo: “Não vai rolar nada”. (Thomaz, 57 anos, janeiro de 2011).

Uma terceira razão que parece levar os interlocutores a preferirem os recintos não-exclusivos está ligada a um estranhamento que caminha na direção contrária ao fascínio sentido no início de suas perambulações pela noite, época em que se configurava, como sugerem os discursos de Thomaz e Antonio sobre suas primeiras incursões a boates, certo *desbravamento* de um mundo ainda pouco conhecido. Para

Guilherme, por exemplo, haveria um processo subjetivo de cansaço que o levou a evitar progressivamente os ambientes exclusivamente gays – caracterizados, sob seu ponto de vista, por um referencial cultural excessivamente homogêneo, o que se poderia perceber nas músicas tocadas nesses lugares. Em sua fala, não deixa de ser curioso que a palavra *diversidade*, utilizada corriqueiramente como indicador de inclusão das orientações sexuais não-heteronormativas, apareça para distanciar o interlocutor da cena gay:

G: [...] Eu tô com uma viagem programada pra Nova York, agora em agosto, e aí um amigo que vai estar lá até me mandou um e-mail falando pra eu reservar um final de semana em uma ilha que se chama Fire Island, não sei se você já ouviu falar.

G[P]: Não.

G: Eu também não conhecia. Pra passar um final de semana lá. Aí eu perguntei pra ele: “O que que é isso?” Ele falou: “Dá uma *googlada* aí porque na verdade é uma ilha gay, onde só tem gay”. Eu falei: “Tô fora”, de cara (risos). Não vou pra esse tipo de lugar. É como... assim, se você quiser pensar numa tortura, por exemplo, poderia tentar me colocar nesses... como é que fala...?

G[P]: Esses cruzeiros?

G: Cruzeiros gays, certo? Eu acho que pra mim seria uma tortura estar num lugar desse, ainda mais que você não consegue escapar, não tem como fugir (risos).

G[P]: De vez em quando atraca, mas...

G: Não, aquele monte de gay cantando as mesmas músicas, as mesmas coisas tipicamente gays, não! Então é um pouco por aí. Então foi um processo, eu passei a me interessar mais pela diversidade mesmo, as pessoas, e tal. (Guilherme, 53 anos, junho de 2013).

Se é possível considerar que o desencantamento registrado na fala de Guilherme tem origem em uma fadiga compartilhada, faz-se mister ressaltar o *processo* que destaca: como dito logo acima, um deslumbre inicial com um mundo de *iguais* (Goffman, 1988) parece ser gradativamente substituído por um cansaço com relação à *mesmice*. É preciso levar em conta, no entanto, que a cena observada pelos interlocutores hoje é bastante distinta da que descrevem ter existido ao longo das décadas passadas, o que pode indicar não somente uma mudança interna ocasionada pelo excesso de exposição a um certo estilo de vida, mas um incômodo com a maneira pela qual determinados grupos – especialmente os segmentos mais *mainstream* do *mundo gay* – vivenciam atualmente a experiência do lazer noturno.

Enquanto alguns interlocutores manifestam apenas um grau moderado de desconforto com o que a noite de hoje oferece e atribuem seu mal-estar ao simples fato de terem amadurecido ou não se perceberem como desejáveis em determinados ambientes, outros são mais enfáticos em reafirmar uma aversão cada vez mais acentuada com relação à cena gay atual. Se essa ausência de identificação diz alguma coisa sobre um conflito intergeracional, acredito que ele se manifeste de duas maneiras distintas: entre os pertencentes ao primeiro grupo, há uma visível valorização dos jovens gays, enquanto os membros do segundo tendem a expressar um desconforto generalizado com seu modo de operar. No próximo tópico, retomo a análise esboçada aqui para tornar essas diferenças – bem como suas nuances – mais claras.

Juventude e visibilidade (homos)sexual

No início de 2012, repetia-se em São Paulo um fato relativamente corriqueiro em estabelecimentos comerciais brasileiros: após trocar um beijo em uma lanchonete do Paraíso, bairro nobre da capital, um casal de rapazes foi repreendido pelo gerente, que os acusava de infringirem as normas do que seria um *ambiente familiar*. Revoltado com a atitude, um dos rapazes envolvidos convocou, para a semana seguinte, um *beijaço* no local.

Poucos dias depois do ocorrido, eu entrevistava Samuel pela primeira vez. Já havíamos nos falado brevemente por telefone e ele adiantara alguns tópicos que iríamos desenvolver em nossa conversa presencial, como sua participação em uma ONG/AIDS e a relativa facilidade com que os jovens gays de hoje poderiam vivenciar sua homossexualidade se comparado a duas ou três décadas atrás. Embora mais novo do que os demais ex-militantes que eu já havia entrevistado, Samuel parecia ter, como eles, um perfil que valorizava fortemente a visibilidade adquirida no decorrer desse espaço de tempo.

Em pouco mais de meia hora de conversa, minha primeira impressão se desfez: após discorrer sobre sua adolescência, período marcado pelas dificuldades decorrentes de uma relação turbulenta com a própria homossexualidade, Samuel lamentou que os jovens de hoje vivessem, em suas palavras, “sem conflito”, o que acarretaria, ainda de acordo com ele, uma “visibilidade da forma errada”. Ao lhe perguntar o que queria dizer com isso, Samuel forneceu como exemplo a “confusão” que observava no Largo do

Arouche aos domingos, quando adolescentes da periferia se entregariam, segundo descreve, a comportamentos *desregrados* uns com os outros. Citou, além disso, o caso do ataque homofóbico com lâmpadas na Avenida Paulista em 2010¹⁹, afirmando que os jovens agredidos teriam procurado seu destino, pois “já vinham loucos, bêbados e cheirados”. Logo depois, me perguntou se eu ouvira falar do recente episódio da lanchonete, criticando a dimensão exagerada que a ideia do que é *homofobia* haveria tomado. Em sua visão, o que ocorreu no local – bem como em situações similares – não configuraria uma situação discriminatória.

Um dos aspectos que se destaca em sua fala é a percepção de que existiria, entre os jovens gays, uma autopermissividade irrefletida, levando a certos “excessos” que tirariam proveito da disseminação de *homofobia* enquanto categoria acusatória para exigir mais do que lhes seria legitimamente devido. Embora reconheça mudanças positivas que possibilitariam uma autoexposição mais despreocupada, Samuel insiste na ideia de uma ausência de bom senso, criticando a iniciativa – segundo ele, desnecessária – de beijar em público num local pouco apropriado para aquilo.

Desenvolvida em uma conversa posterior, a condenação aos “excessos” aparece acompanhada de uma crítica a certa padronização que caracterizaria a cena gay atual, marcada pela repetitividade de ritmos, estilos e atitudes – pensamento semelhante ao de Guilherme quando reclama das “mesmas coisas tipicamente gays”. Entre os poucos que ainda se arriscam pelos ambientes da noite – apresentada, tal qual em outros discursos, como desprovida do encanto que teria marcado um passado glorioso –, é possível observar uma diminuição significativa em seu leque de opções, que se restringe basicamente aos arredores da Vieira de Carvalho – em especial o *ABC Bailão*. Ainda que citados, lugares como a *The Week*²⁰ e a *Bubu Lounge*²¹ não são vistos com bons olhos, considerados um reduto de quem só está preocupado, como acredita Samuel, em “fazer tipo”:

S: Hoje, quando eu vejo a noite, aquela coisa, aquela música, eu acho que parece tudo uma repetição. Sabe quando você pega... deixa eu ver se eu lembro de algum filme [em] que a gente consiga pegar isso... tem um clipe que eu acho que é do Pink Floyd, que começa com os caras tudo andando reto...

G: É o... *Another Brick In The Wall*.

S: É, eu vejo os gays hoje e eu acho aquilo. Eles vão colocar a mesma roupa, a mesma cueca, aparecer no mesmo lugar, o mesmo cabelo daquele jeito [...]. Aí eu falo assim: “A gente tá fazendo parte de um exército. Parece que uniformizaram a gente, e a gente não consegue mais ser cada um de um jeito – todo mundo igual, mas cada um de um jeito”. Então é por isso que [n]as vezes quando eu saio, que eu vou no *Bailão*, eu dou risada e me divirto

porque as pessoas ali são... elas são aquilo e acabou, elas não querem fazer tipo, você entendeu? [...]. Agora, quando você vai, por exemplo, numa *The Week*, ou você vai, sei lá, pruma *Bubu* ou pruma *Tunnel*², é sempre aquela coisa repetida. (Samuel, 41 anos, outubro de 2012).

Para Eduardo, interlocutor que também demonstra saudosismo da noite gay de vinte anos atrás (época em que não havia “essa coisa de tirar a blusa e ser fortão, ou ficar com aquela calça abaixada e os pentelhos à vista”, crítica próxima à de Samuel em relação aos gays que só querem “fazer tipo”), viveríamos nos tempos atuais uma busca desenfreada pela intensidade, caracterizada por encontros voláteis e abuso de drogas estimulantes. De acordo com ele, o problema não seria exclusivo do meio gay, mas teria colaborado para despolitizar demandas relativas à homossexualidade entre os mais jovens. Para os gays mais velhos – segundo ele, categoria que abarcaria homossexuais ainda em sua terceira década de vida²³ –, as tentativas malsucedidas de acompanhar a fugacidade desse estilo de vida acabariam por gerar grande sofrimento psíquico, algo que Meccia (2011) observa principalmente na figura do *extrañado* – aquele que, apesar de satisfeito com o ingresso da homossexualidade na agenda política, não maneja com destreza os códigos utilizados pelas novas gerações de homossexuais. Parecendo valorizar, como Samuel vê nas pessoas do *Bailão*, uma *autenticidade* que teria se perdido, Eduardo tece uma dura crítica ao *enlatamento* promovido pela sociedade de consumo, rol no qual inclui uma homossexualidade vivida, conforme acredita, de maneira hedonista e não politizada:

E: A forma como a gente se relaciona com o outro, eu acho que é um grande marco. É o que leva muita gente da minha idade – assim, minha idade, acho que até dos 35 em diante – para a terapia: tentar se adaptar. Porque como o público jovem se relaciona com o outro e com o ambiente de maneira diversa, específica, a sociedade de consumo e a nova cultura acabaram se adaptando a esse jovem [...]. Então, hoje [se] bebe demais, hoje é sexo demais, hoje são loucuras demais. A pessoa quer se jogar de lugares mais altos: são os esportes radicais, são drogas que dão superpotências, são Viagras demais, Cialis demais... essa busca da intensidade. É a grande devoração, você perde o momento do encontro, que tem tempo. Tem um tempo para esse encontro. E isso, esse tempo, já não se tem mais. Essa é a diferença do jovem. A gente tem um outro ritmo, o jovem já passou, acho que nem tá ligando para esse tempo, ele tem que *fazer*. E o pessoal da minha geração não acompanha [...]

G: Agora, quando a gente pensa, sei lá, por exemplo, na cultura *hippie*, final dos anos 60, anos 70, assim, tinha também muito isso, da coisa do sexo, de experimentar drogas e tal. O que você vê de diferente hoje?

E: A relação com o objeto, entendeu? Quando você tinha uma experiência sexual, aquilo, primeiro, era um contexto político, e hoje não é um contexto político. Hoje eu vejo como sendo uma busca por intensidade, uma busca

por uma moda [...]. Eu acho que existia na década de 70 um contexto de transgressão, um contexto político, o corpo era político, o sexo era uma liberação de... não só do corpo, mas de muitas atitudes, atitudes de pensamento, atitudes de autonomia [...] A homossexualidade também era uma pauta, principalmente da década de 70, desse amor livre. É mais um produto que virou enlatado. Hoje, quando as pessoas falam de homossexualidade, ela deixou de ser uma ação política. (Eduardo, 41 anos, julho de 2013).

Como Samuel e Eduardo, outros interlocutores se queixam de uma ausência de consciência política por parte dos mais jovens, enxergando na experiência do passado um modelo para o que deveria ser posto em prática nos dias atuais. Renan, que chegou a participar de um dos primeiros grupos gays afiliados a um partido político no Brasil, diz se sentir extremamente apartado dos mais jovens, referindo-se constantemente à inadequação de suas práticas sexuais. Ao contrário do que se poderia esperar de alguém que esteve imerso nas primeiras lutas, no entanto, suas posições acerca de conquistas e proposições judiciais e legislativas não são nada progressistas: além de se manifestar pouco favorável ao casamento igualitário, mostra-se significativamente preocupado com a possível aprovação do PLC 122²⁴ – algo que provocaria, segundo ele, uma explosão ainda maior de comportamentos inapropriados. Mencionando a Parada do Orgulho LGBT, Renan assinala, de maneira muito semelhante a Samuel, uma utilização deturpada da categoria *homofobia*. Como esse último, destaca também o valor reduzido que os jovens de hoje dariam ao trabalho das gerações passadas, característica que Meccia (2011) aponta como uma das marcantes entre os *replegados* – aquele que se vê impossibilitado de conviver com os mais jovens e decide se retirar da vida pública:

É óbvio que homofobia não é bom, não é certo, ainda bem que você é uma pessoa esclarecida e não vai interpretar mal, errado, o que eu estou falando. Mas, porém, contudo, todavia, existem algumas pessoas que, por conta dessa postura revolucionária, na cabeça delas acham que... Tipo, olha, ainda não existe essa lei, como é que eu diria? Pronta, juramentada, sacramentada, em termos de código penal, e elas já fazem um auê. Imagine que essa lei tenha sido aprovada, sancionada, etc., hoje. Elas vão fazer sexo em plena Frei Caneca quando elas estiverem drogadas na frente d'A Lôca. Mesmo fora da época da Parada. E se alguém disser qualquer coisa, elas vão dizer: "Homofobia! Isso é homofobia! ". Porque elas não sabem administrar a própria cidadania, elas não sabem o que é ser cidadã[o]. Elas não sabem o que é uma pessoa, um ser homossexual exercer a sua própria cidadania. Elas não sabem o que é isso. (Renan, 55 anos, março de 2013).

Caminhando em uma direção próxima a Renan, Felipe chama a atenção para o que seria uma impositividade característica de uma parcela dos homossexuais, mais

preocupada em escandalizar quem não compartilha de seus ideais do que promover uma discussão efetiva sobre as mudanças que deseja – em suas palavras, usando o “choque” em lugar da “argumentação lógica”. Ainda que sua crítica não se limite ao movimento LGBT, são às ações da “militância” que Felipe dirige sua maior insatisfação: delineando uma oposição entre o que seriam atitudes “gratuitas” e um “estranhamento” que propiciasse o debate, evoca referências vanguardistas nas quais acredita que as lideranças LGBT deveriam se inspirar. Como na fala de Eduardo, os movimentos de contracultura são retratados de maneira muito distinta da liberalização que se observaria hoje:

Tem uma coisa muito ruim, mas muito ruim, do meio gay, que é esse desprezo com aquele que não o aceita. Que eu não acho que é o caminho pro entendimento. Eu acho que a expressão que cristaliza isso, no meu entendimento – posso estar errado –, é aquela coisa bem chula que os gays inventaram: “Meu cu”. “Não tô nem aí”. Mas não é “Tô nem aí”. [É] “meu cu”. Você quer uma coisa mais...? “Olha, você que é diferente de mim, que não me aceita, vai se foder”. Né? Só que por outro lado, quem tá na militância, acha que você tem que aceitar todas essas manifestações. E eu não aceito. Eu, Felipe, não aceito. [...]. Não é você entrando em choque que você vai conquistar respeito. Ao invés de você chegar e usar uma argumentação lógica, você usa o choque. E o choque... óbvio, que choca. A gente aprende isso na semiótica, né, assim... todo signo que é deslocado do seu contexto habitual, causa estranhamento, tem um estranhamento. Agora, existem alguns estranhamentos que são ótimos pra suscitar a discussão, a reflexão. O que seria da arte moderna se não tivesse acontecido a semana de 22? O que seria do... enfim, de como os artistas pensam a arte hoje se não fosse o Duchamps, se não fosse o Picasso, o Kandinsky? Quer dizer, isso foi um choque, né? A poesia concreta... isso foi um choque. Os movimentos de contracultura..., mas isso tem um pensamento maior que é fazer a sociedade refletir sobre uma série de valores e comportamentos. Agora, quando isso, no meu entendimento, parece gratuito, “Olha, não aceito, e ponto. Eu sou assim, não vou mudar”... quer dizer, mudar a gente não muda ninguém, mas “Não vou me adaptar. E o que que eu faço? Ofereço pra você o meu cu, ofereço pra você um buraco da onde sai merda. É isso que eu ofereço pra você”. Quer dizer, é a minha interpretação: “Eu não vou me adaptar ao seu ambiente, você [que] se adapte ao meu”. (Felipe, 39 anos, abril de 2012).

Em contraste com a visão mais *pessimista* de alguns, certos interlocutores se posicionam favoravelmente às expressões de visibilidade por parte dos mais jovens, mostrando-se pouco saudosos com relação à maneira como a homossexualidade era vivida décadas atrás. Entre as ideias que aparecem nesses discursos, a maior possibilidade de inserção desses jovens em círculos não-homossexuais é recorrente, com destaque para a importância cada vez menor que se daria a determinadas verbalizações e atitudes tidas em seu passado como *infratoras*. Comparando o panorama atual com seu tempo de juventude, um dos interlocutores fala do que percebe em turmas

de graduação para as quais dá aula, onde a orientação sexual dos alunos não costuma ser alvo de grande problematização. Como consequência, a liberdade para circular entre diferentes contextos de sociabilidade parece ser uma realidade muito mais presente:

Olha, até hoje eu me emociono quando eu vejo um jovem gay com turma. Na minha época, o jovem gay era aquele que ficava sozinho. Ou era aquele que era execrado pelos outros, e até por isso ficava sozinho. E aí eu vejo na faculdade, assim, [um] jovem visivelmente gay, e faz trabalho de grupo, e conversa com as pessoas – inclusive de namorado –, com uma turma de gente hetero, todo mundo convivendo; eu fico emocionado. Até hoje, eu vejo, eu fico: “Nossa, que diferente, isso jamais poderia acontecer na minha época”. Pra você ser da turma, você era outra pessoa, não levava sua homossexualidade pra essa turma, porque isso era uma coisa totalmente proibida, não podia de jeito nenhum ser mostrada, porque era discriminado, você seria rejeitado. Hoje não, você vai e pode ser gay, você pode ser gay em qualquer lugar. Eu tive alunos gays que eram gays como aluno[s] e eram gays no trabalho. No trabalho, as pessoas sabem, eu sou amigo deles no Facebook e as pessoas conversam sobre namorado, e tal, é totalmente público. É muito legal isso: heteros convivendo, heteros que vão com a noiva, com a namorada, na balada gay, e convivendo. Dois homens se beijando lá, se pegando, e isso não é uma coisa que agrida, que ofenda. Isso é a mudança que realmente a gente percebe. (Ronaldo, 47 anos, maio de 2011).

Tomando como exemplo um ex-colega de trabalho, Alfredo também discorre sobre a maior integração dos jovens gays, destacando a família como um dos nichos mais impactados pelas transformações das últimas décadas. Ainda que demonstre, como Eduardo e Felipe, um sentimento de impacto no que concerne a uma liberalização mais ampla dos costumes, sua percepção sobre essas mudanças é invariavelmente positiva – tal qual o *incorporado* de Meccia, não vê com qualquer saudosismo o tempo “pré-histórico, inumano e terrível²⁵” (Meccia, 2011: 59) da invisibilidade. Como Ronaldo, Alfredo menciona a publicização da intimidade proporcionada pelo Facebook, fenômeno que facilitaria – ou revelaria – uma interação despreocupada com familiares próximos:

Ele tá no Facebook, sempre fazendo uns comentários, tem o blog dele e, às vezes, faz piadinhas, assim, de caráter sexual, e... pode falar de bunda, pode falar de *minha* bunda, pode falar de porra. Enfim, coisas em que ele também se inclui de alguma maneira, né? [...] Um belo dia eu descubro que... “Ah, você é o melhor irmão do mundo”, é a irmã dele falando. Quer dizer, então ele não tá se escondendo [...] Mas eu achei legal que não é só a irmã, eu acho que tem, não consigo lembrar se é uma tia ou se é a própria mãe que também tá no Facebook dele, e ele falando essas coisas, né? Então me chamou a atenção, interessante isso. Porque não é nenhuma depravação, nada disso, ele tá brincando com coisas que você poderia fazer. Mas lógico que fica muito evidente a preferência sexual e também a preferência na cama. É uma brincadeira, mas enfim... então, me chama a atenção isso. (Alfredo, 57 anos,

novembro de 2011).

Igualmente focado na família, Wilson fala do número cada vez maior de adolescentes que poderiam se assumir para os parentes sem precisar abandonar seus lares, tendência que se contrapõe ao que Weston (1991) identificava nos Estados Unidos dos anos 80, contexto no qual era recorrente que jovens homossexuais saíssem da casa dos pais e elaborassem novos arranjos familiares entre si. Certamente, há diferenças importantes entre o cenário brasileiro e o norte-americano, mas a concordância sobre o fato de que jovens assumidamente gays podem, em geral, conviver de maneira muito mais harmoniosa com a família de origem parece ser unânime. Ao indagá-lo sobre quais considerava serem as conquistas mais importantes no que concerne à visibilidade homossexual, Wilson imediatamente ressaltou a redução dos conflitos familiares, comparando a situação de pessoas da sua faixa etária com aquela vivida por pessoas mais jovens:

W: Hoje um garoto ou uma garota que tenha entre 14 e 17 anos – 13, 14, 17 anos – e que vai se descobrindo gay, esse adolescente, esse menino, essa menina, ele tem mais condições de se mostrar, de ser mais visível dentro da casa dele, e de ser mais... ser um pouco mais aceito do jeito que ele é.

G: Já dentro de casa, né?

W: Já dentro de casa. Isso pra mim é o mais importante.

G: É o que algumas pessoas [com] que[m] eu conversei me falaram, assim... pessoas que viveram os anos 70, os anos 80, comentam coisas do tipo: “Ah, eu acho que uma grande diferença é você ver gay com família”, porque era muito mais comum que as pessoas se separassem da família e que mantivessem uma relação distante. Hoje isso não é tão mais a regra, né?

W: Isso, e é a família mesmo, quer dizer, não é só mãe [...]. Você tem um menino gay, quer dizer, com um irmão não-gay e com um pai, com uma mãe, morando juntos, né? E aí eu acho, eu acho que hoje em dia... posso estar errado, mas é uma sensação que eu tenho, eu acho que esse menino, essa menina, eles vão viver com menos conflito por exclusão do que no meu tempo. (Wilson, 56 anos, outubro de 2011).

Com relação às manifestações públicas de afeto, encaradas com alguma reserva pelos interlocutores mais críticos, é possível observar, no segundo grupo, uma visão mais complacente ou até mesmo exultante. Embora nem todos digam se sentirem à vontade para andar de mãos dadas ou beijar seus namorados na rua, comumente se referem ao que percebem pelas ruas de São Paulo como uma conquista a ser celebrada. É o caso, por exemplo, de Antonio, que, como muitos outros entrevistados, aponta a

Avenida Paulista como espaço icônico dessa abertura. Em sua fala, faz duas comparações: na primeira, de cunho temporal, retoma a adolescência e o início da idade adulta; na segunda, há um confronto espacial que reforça a ideia da permanência de *regiões morais* a despeito de um aumento generalizado da visibilidade homossexual, contrapondo os lugares mais centrais da capital com o ABC Paulista, região onde trabalha. Mais uma vez, as transformações sociais de caráter mais geral – incluindo o advento da internet – são percebidas como as principais responsáveis por essa maior liberdade:

A: Essa coisa que tem hoje na Avenida Paulista, que se vê em qualquer dia da semana, mas especialmente em fins de semana, de rapazes de mãos dadas, de moças de mãos dadas, isso é de 95, de 96, pra cá. Era impensável nos anos 70, 80, mas hoje é normal. Ainda hoje provoca uma certa surpresa, mas é comum isso, é livre, sem maiores traumas. Ou seja, há um alargamento constante do espaço; agora já tem até o Supremo dizendo que a união civil é possível, não é inconstitucional, [há] um ambiente cada vez mais amplo, o espaço é cada vez mais aberto. A internet ajuda muito, o fluxo de informações é cada vez mais intenso. Acho que faz parte da liberação da cultura e dos costumes de forma geral.

G: Em termos da sua vivência pessoal, do que você experimentou... você me falou, por exemplo, que naquela época, anos 80, final dos anos 70, início dos anos 80, essa coisa, por exemplo, de namorar na Praça da República era uma coisa que se restringia basicamente a uma conversa, não havia nenhuma possibilidade de nada mais explícito, né? E você viveu isso. Na sua experiência pessoal, o que você acha que mudou?

A: Bom, hoje é mais livre, hoje tem beijo. Pelo menos aqui na Avenida Paulista tem beijos, assim, ainda não tão... mas é a coisa mais comum, eu caminho todos os dias aqui pela Paulista, faço uma caminhada diária quando chego do trabalho. Mas especialmente no fim de semana, é a coisa mais comum de ver, rapazes abraçados, ou até beijando, encostados em postes, pontos de ônibus etc., ninguém presta muita atenção nisso. Ainda não é aquela coisa daquele beijo de novela, de cinema, mas já é... é a coisa mais normal; a coisa mais comum é dois rapazes namorarem na rua, começarem a conversar, paquerarem, é normal.

G: Aqui no caso de São Paulo, você acha que é mais restrito a determinados locais, por exemplo, a Avenida Paulista? Ou tá uma coisa já mais disseminada?

A: Eu vou pouco a outros lugares da cidade. Por exemplo, onde eu trabalho, isso não é possível ainda. No ABC, na região do ABC, não é possível. Eles vêm pra cá, porque aqui... não sei se porque aqui é o centro, ou se porque aqui tem a Parada Gay, ou se porque aqui já está caracterizado como um espaço da liberdade total [...] Lá no ABC, onde eu trabalho, por exemplo, apesar de ser extremamente urbanizado, uma região de classe média bem classe média mesmo, lá não é possível imaginar uma cena dessa, dois rapazes de mão dada. Lá ainda não, e se quiserem, têm que vir pra cá (Antonio, 50 anos, maio de 2011)

Considerações

É importante reforçar que as disparidades encontradas entre os interlocutores não representam, necessariamente, uma oposição inflexível entre a exaltação e a condenação de uma visibilidade homossexual – manifesta, dentre outras formas, na maior liberdade que os mais jovens têm para expressar abertamente sua sexualidade. Embora alguns sejam mais incisivos do que outros no que diz respeito aos seus posicionamentos e as entrevistas captem essas tendências, há nuances que não devem passar despercebidas: ao mesmo tempo em que reprovam comportamentos tidos como *exagerados*, interlocutores mais críticos não deixam de reconhecer conquistas positivas.

Como afirma Meccia (2011) ao justificar a elaboração de seus tipos ideais, as *reconfigurações subjetivas* que surgem como reação a esse processo de visibilidade não devem ser entendidas como estados fixos e imóveis, mas como percepções transitórias que podem levar de uma reconfiguração a outra, ainda que as biografias que analisa tendam a se ancorar em apenas uma das reconfigurações. Guardadas as devidas diferenças, creio que um processo similar pode ser observado nos discursos de meus interlocutores: por mais resistente que seja em caracterizá-los a partir de tipos sociológicos que encerrem visões de mundo totalizantes, não há como deixar de constatar que muitos deles se mostram propensos a adotar posições mais ou menos demarcadas.

Se existe um aspecto que atravessa todas as entrevistas, este diz respeito, como coloca Antonio, a “um alargamento constante do espaço”: acompanhando as mudanças dos costumes, homossexuais poderiam ocupar cada vez mais a cidade, tanto em ambientes destinados exclusiva ou predominantemente a eles quanto em lugares – públicos ou privados – que fazem parte das *regiões morais* progressivamente ampliadas ao longo dos anos. Como demonstram algumas falas, um dos grandes ícones dessa ampliação é a Avenida Paulista que, principalmente durante a realização da Parada do Orgulho LGBT, torna-se um espaço singular de visibilização de demandas e manifestações públicas de afeto – algumas delas depreciadas por interlocutores como Renan.

Ainda que as opiniões divergentes não encerrem, em si mesmas, dois *tipos* distintos, chama a atenção o posicionamento díspar que refletem frente à *juventude gay* dos tempos atuais. Isso não significa que uma convivência intergeracional inexista no

caso dos mais críticos, mas, costuma vir acompanhada de desconfianças e censuras com relação a determinadas atitudes dos mais novos. Nessa disputa, também parecem entrar em jogo marcadores como classe e *status* social, perceptíveis, por exemplo, nos discursos de Renan e Felipe.

Com o alargamento das possibilidades de exposição pública da homossexualidade em um espaço de tempo relativamente curto, não chega a ser espantoso que nem todos reajam positivamente a algumas delas, tendo em vista, como vimos a partir da análise de Meccia (2011), a dificuldade de um certo número daqueles que experimentaram um período de visibilidade muito mais restrita em lidar com determinadas disposições oferecidas pelo presente. Muito embora desfrutem, como os mais jovens, de liberdades impensáveis até poucas décadas atrás, faltam-lhes, talvez, elementos subjetivos que possibilitem uma apreensão plena de conquistas territoriais e políticas pela população LGBT. Atento para que esse tipo de rechaço não seja visto apenas como consequência de diferenças etário-geracionais, ainda que seja necessário, em virtude de tudo o que apresentei até aqui, levá-lo em consideração para compreender certos posicionamentos.

Notas

1. Sobre esse encontro, ocorrido em 1995, ver também Facchini (2005) e Simões & Facchini (2009).
2. Fundado por um grupo de amigos residentes no Rio de Janeiro, o jornal circulou durante a década de 1960 e trazia uma visão bem-humorada sobre acontecimentos relacionados à vida homossexual da época (Green, 2000).
3. No que se refere à homossexualidade, o uso clássico do termo *subcultura* provém dos estudos interacionistas sobre *desvio*, especialmente a partir do trabalho de Plummer (1975).
4. Sigla internacional adotada atualmente para se referir ao movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Discute-se, em alguns contextos, a incorporação das letras “Q” e “T”, referentes às categorias queer/questioning e intersex, respectivamente.
5. O termo *sociabilidade* tem sido amplamente utilizado na Antropologia sem uma definição homogênea, embora sua conceituação clássica – que é da qual tento me aproximar – tenha origem em Simmel (1983).
6. Por *cena gay*, entendo a ocupação de espaços urbanos, sejam públicos ou privados, como lugares onde se desenvolvem “laços de sociabilidade, lazer e engates sexuais (Mott, 2000) entre homossexuais, embora alguns autores prefiram termos que problematizem delimitações espaciais muito marcadas, como faz Perlongher (2008) ao utilizar *territorialidade* ou Magnani (2012) com os conceitos de *mancha*, *circuito* e *pedaço*.
7. Sigla para gays, lésbicas e simpatizantes, cuja origem é atribuída aos organizadores do Festival MixBrasil (França, 2010).
8. A noção de *região moral*, disseminada pelo sociólogo Robert Park na segunda década do século XX, refere-se a territórios da cidade onde gostos, temperamentos ou paixões pouco convencionais encontram um espaço de livre expressão (Park, 1973). O conceito, um dos mais fundamentais da Escola de Chicago, é até hoje amplamente utilizado nas áreas de estudos

9. Conhecida em seu início como *Parada do Orgulho GLT*, o nome do evento acompanhou as mudanças na autodenominação do movimento (França, 2006).
10. A lei contempla homossexuais, bissexuais e transgêneros. A íntegra do texto pode ser conferida em <http://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/165355/lei-10948-01> (Acesso em 08 de julho de 2015).
11. Defendida em março de 2015, a pesquisa teve por base trabalho etnográfico e entrevistas em profundidade com vinte homens homossexuais de camadas médias residentes em São Paulo, conduzidas entre 2011 e 2013. Sem dúvida alguma, esse recorte configura certas distinções simbólicas (BOURDIEU, 1983), que se manifestavam, por exemplo, em referências a pensadores renomados, filmes *cult* e artistas da pintura. Igualmente indicativo de uma distinção social era o local de moradia: salvo algumas exceções, os interlocutores residiam dentro dos limites do centro expandido de São Paulo, com maior concentração em bairros da região central e da zona sul. Isso não significa, contudo, que houvesse uma homogeneidade absoluta de classe. De maneira geral, percebia-se um processo de estabilização financeira relativamente consolidado, embora muitos ainda se autoclassificassem como *pobre* ou *classe média baixa*, argumentando que precisavam se esforçar para manter a renda estável e ainda buscavam melhorias profissionais.
12. Como aponta Mannheim (1982), uma *geração* não pode ser definida apenas por um marcador etário, compartilhando, também, circunstâncias históricas e sociais. Acredito, contudo, que o fator idade – variando entre 39 e 57 anos à época do primeiro contato – adquira importância significativa no contexto que me proponho a explorar, atravessado por transformações ocorridas dentro de uma temporalidade bem demarcada.
13. Trailer disponível em https://www.youtube.com/watch?v=fcC_-F1zd2o (Acesso em 08 de julho de 2015).
14. O *Studio 54* foi uma boate nova-iorquina cujo auge se deu na segunda metade da década de 1970. Tendo sido frequentada por grandes personalidades do meio artístico como Donna Summer, Andy Warhol e Liza Minnelli, o lugar se tornou mundialmente conhecido (Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Studio_54, acesso em 08 de julho de 2015).
15. Claudia Wonder foi uma travesti (ou transexual, como talvez a chamássemos hoje) muito conhecida por seus dotes artísticos e atuação na militância LGBT. Faleceu no final de 2010, vítima de complicações decorrentes do HIV.
16. “Durante a semana, dias e noites são razoavelmente calmos, mas nos finais de semana, milhares de gays ocupam as praças e avenidas do centro – Largo do Arouche, Praça da República, Vieira de Carvalho, Avenida Ipiranga, ou Praça Roosevelt. O Largo do Arouche, uma praça agradável cheia de bancas de flores e cafés na calçada, facilmente rivaliza em uma noite de sábado com lugares famosos como as ruas Castro e Christopher. Ao longo de todas as ruas que estão no raio do Largo do Arouche, milhares de homens gays – mulheres lésbicas são bem menos visíveis – passeiam e caminham ou param para tomar uma cerveja ou comer esfiha em um dos restaurantes árabes que parecem existir por todo o canto. Nos finais de semana, praticamente todos os restaurantes e cafés nessa parte da cidade são transformados em um restaurante gay. Grupos de três ou quatro gays lotam essas ruas, se espalhando sobre o meio-fio, ocasionalmente atravancando o tráfego” (Tradução livre).
17. Também conhecidos como *cybermanos*, os *clubbers* que vinham de regiões mais pobres e distantes do centro foram alvo de grande estranhamento no início de sua aparição, chegando a ser pejorativamente apelidados de *clubbers-favela* (Palomino, 1999). Nesse sentido, a fala de Felipe é bastante ilustrativa, pois chama a atenção, ao mesmo tempo em que se isenta, para o preconceito que existia com relação a eles.
18. As boates exclusivamente gays também continuam a existir, ainda que permeadas, cada vez mais, pela segmentação por idade, classe, estilo e cor/raça sobre a qual fala França (2010). Aqui, talvez seja possível falar em uma espécie de *re-diferenciação* dentro do processo maior de *desdiferenciação* sugerido por Meccia (2011). É preciso considerar, entretanto, a possibilidade da existência de diferenças importantes entre o contexto paulistano e o bonaerense.
19. Ocorrido em novembro daquele ano, o episódio teve grande repercussão devido a sua brutalidade e por ter sido captado através de uma câmera de segurança. Informações sobre o caso e s t ã o d i s p o n í v e i s e m <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/grupo+usou+lampada+fluorescente+para+agredi>

- r+jovens+em+sao+paulo/n1237827050487.html (Acesso em 20 de julho de 2014).
20. A *The Week International*, um dos lugares em que França (2010) conduziu seu trabalho etnográfico, está no rol das boates mais valorizadas de São Paulo e possui filiais no Rio de Janeiro e em Florianópolis.
 21. Assim como a *The Week*, a *Bubu Lounge* é tida atualmente como o *crème de la crème* da noite gay paulistana.
 22. Consideravelmente mais antiga do que as duas primeiras, a *Tunnel* aparece em outras falas, mas sempre referida ao passado.
 23. Destaco aqui o que dizem Gagnon & Simon (1973) sobre a experiência do envelhecimento entre homens homossexuais: como acreditam os autores, sentimentos de declínio podem ser percebidos já nessa faixa etária, o que se explicaria pela ênfase desse segmento na atratividade sexual e na ausência de apoio afetivo a partir de certa idade. Embora acredite haver nuances nessa ideia – especialmente porque hoje, diferente da época em que os autores escreviam, a solidão afetiva não parece mais ser uma característica tão presente em gays mais velhos – é interessante que um interlocutor se manifeste espontaneamente sobre esse incômodo.
 24. Elaborado a partir de uma série de outros projetos que visavam combater a discriminação por orientação sexual, o PLC 122/06, de autoria da deputada Iara Bernardi, tem sido motivo de discórdia no plano político por muitos acreditarem que ele fira a liberdade de expressão. Em dezembro de 2013, o projeto foi apensado no Senado e tramita atualmente junto à reforma do Código Penal. Informações atualizadas podem ser obtidas em http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604 (Acesso em 08 de julho de 2014).
 25. *Prehistórico, inhumano y terrible* (tradução livre).

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 65-99, jan.-jul. 2007.

FACCHINI, Regina. **“Sopa de letrinhas? ”: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes: movimento GLBT e mercado GLS na cidade de São Paulo**. Diss. (mestrado). PPGAS, USP, 2006.

_____. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado). PPGCS, Unicamp, 2010.

GAGNON, John; SIMON, William. **Sexual conduct: the social source of human sexuality**. Chicago: Aldine, 1973.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado). PPGAS, Unicamp, 2014.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. Em defesa do gueto. **Estudos Cebrap**, v. 2, n.1, p. 53-60, abr. 1983.

MAGNANI, José Guilherme. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org.) **Karl Mannheim: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

MECCIA, Ernesto. **Los últimos homosexuales: sociología de la homosexualidad y la gaycidad**. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

MOTT, Luiz. **A cena gay em Salvador em tempos de AIDS**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia/Ministério da Saúde, 2000.

PALOMINO, Erika. **Babado forte: moda, música e noite na virada do século 21**. São Paulo: Mandarim, 1999.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para investigação social no meio urbano. In: VELHO, Otávio G (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008.

PLUMMER, Kenneth. **Sexual stigma: an interactionist account**. London: Routledge, 1975.

SILVA, Carolina Parreiras. **Sexualidades no pontocom: espaços e sociabilidades a partir de uma comunidade on-line** Diss. (mestrado). PPGAS, Unicamp, 2008.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

SIMÕES, Julio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Julio; FRANÇA, Isadora Lins. Do gueto ao mercado. In: GREEN, James;

TRINDADE, RONALDO (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005.

WESTON, Kath. **Families we choose: lesbians, gays, kinship**. New York: Columbia University Press, 1991.

WHITAM, Frederick L. Os entendidos: gay life in São Paulo in the late 1970s. In: MURRAY, Stephen O. **Latin american male homosexualities**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.